

IMAGEM: GEOGRAFIA DA REALIDADE OU REALIDADE GEOGRÁFICA? UMA ABORDAGEM SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS IMAGENS OBTIDAS A PARTIR DA LEITURA DOS DIFERENTES TIPOS DE TEXTO E SUA CONTRIBUIÇÃO NA INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

Evelyn Monari Belo¹

Fadel David Antonio Filho²

RESUMO

A disciplina Geografia implica muitas formas de observação sobre a realidade. Esta afirmação pode ser considerada fundamental para a análise proposta neste trabalho, que estamos desenvolvendo já há algum tempo para a concretização da tese de doutorado da autora. Para sua realização, nos apoiamos em diferentes tipos de textos, sendo considerados os de caráter didático, literário e científico. Como texto didático, selecionamos alguns fragmentos das apostilas que constituem a disciplina Geografia da proposta pedagógica do programa de Educação à Distância Telecurso 2000 editadas nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente. Para caracterizar o texto literário, tomamos como referência “Os Sertões” – a segunda parte da obra intitulada “O Homem” –, de Euclides da Cunha. E, para caracterizar o texto científico, apoiamos nossas reflexões em fragmentos de autores diversos, que são, costumeiramente, tomados como apoio no meio acadêmico com o objetivo de comprovar ou contestar o saber legitimado. Apresentamos nossa compreensão sobre as imagens e o homem, mas não apresentamos fragmentos específicos de cada texto abordado nesta discussão. A análise apresentada se refere aos aspectos constitutivos das imagens a partir das características de cada texto selecionado associado à realidade da vida humana.

Palavras-Chave

Imagem; Geografia; Ensino.

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico é a morada do homem, já afirmavam os livros didáticos antes de qualquer proposta de pesquisa que implique na compreensão do significado de tal conceito. A observação do espaço geográfico bem como a conceituação deste não

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, IGCE, Rio Claro. Professora na rede pública municipal de Rio Claro – SP. e nas Faculdades Integradas Claretianas.

² Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, IGCE, Rio Claro.

constituem o objetivo principal deste trabalho, mas é importante salientar a importância atribuída ao mundo habitado pelo homem.

Em momento anterior, a partir de sua atuação como Orientadora de Aprendizagem no Programa de Educação a Distância Telecurso 2000 (TC 2000), a autora observou como as imagens produzidas, elaboradas e/ou evocadas a partir da leitura e interpretação de diferentes tipos de textos que oferecem informações sobre o conhecimento “geográfico” determinam a compreensão da realidade por parte dos leitores.

Neste sentido, seus estudos foram aprofundados para melhor compreensão desta condição: que imagens são estas? Podemos compreendê-las como elementos da realidade? E qual é esta realidade? Estamos diante de uma “Geografia da realidade”? Ou estamos diante de uma “realidade geográfica”?

Não tomamos a visão do aluno leitor como foco de análise, ou seja, não há relatos de observações pessoais a partir de coleta de dados. Tomamos como base para a realização do estudo proposto a experiência da autora e, a partir deste elemento, a imagem se constitui como seu objeto de estudo. É importante salientar que o trabalho ainda não foi finalizado e, por este motivo, o leitor talvez não tenha um como resultado de sua reflexão um produto final.

Tanto a imagem como a própria realidade são complexas e subjetivas e, por este motivo, são elementos que integram tanto a Geografia da realidade quanto a realidade geográfica, tornando-as distintas mas também semelhantes e, assim, elementos que constituem a própria vida.

1. Compreendendo a imagem como objeto de estudo

Vivemos em um mundo complexo, repleto de elementos que abarcam consigo valores, afetos e diferentes formas de compreensão e/ou interpretação humana.

Inseridos em um espaço “geográfico”, estamos a todo momento em contato com uma nova realidade. As diferentes relações estabelecidas entre homem e meio ambiente³ determinam a maneira pela qual compreendemos esta realidade.

Uma abordagem sobre a imagem nos remete a observar que:

³ Considere-se, neste trabalho, espaço geográfico e meio ambiente como sinônimos. Ambos são utilizados no texto todo.

[...] é preciso muitas vezes, para se fazer ciência, evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico [...]. As aparências são sempre pela aparência. A verdadeira ciência, na maior parte das vezes, tem má aparência e, para fazer avançar a ciência, é preciso, freqüentemente, correr o risco de não se ter todos os sinais exteriores da cientificidade (esquece-se que é fácil simulá-los) [...]. (BOURDIEU, 2007, p.42)

Entre todas as possibilidades de verificação da imagem como objeto de estudo, as críticas em relação à fidedignidade do trabalho proposto são sempre presentes, podendo ser consideradas constantes. Neste sentido, a imagem pode ser compreendida como um elemento que ultrapassa a natureza do “simbólico” pois, contrariamente, constitui e caracteriza a realidade das pessoas de forma peculiar. Distante dos rigores do positivismo científico, pode ser interpretada como a manifestação das diferentes visões do mundo. Tal condição pode ser observada nas idéias de Durand (2004, p. 41, grifos do autor):

[...] Todo pensamento humano é uma *re*-representação, isto é, passa por articulações simbólicas. Ao contrário do que afirmou um psiquiatra que esteve durante algum tempo na moda, no homem não há uma solução de continuidade entre o “imaginário” e o “simbólico”. Por conseqüência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana.

Se tomarmos como base para nossas reflexões as idéias acima relacionadas, observaremos que a imaginação – atividade essencialmente humana – se constitui como elemento que concretiza toda e qualquer forma de ação humana. O aparato imaginário se torna “simbólico”, pois a representação obtida a partir da abstração humana é definida a partir desta possibilidade de articulação do pensamento com a realidade.

A capacidade de abstração humana tem sua principal manifestação na possibilidade de concretização do pensamento via escrita. Assim, compreender a realidade significa, principalmente, concretizar pensamentos não apenas a partir de atos, de diferentes formas de inferência na realidade mas, sobretudo, na possibilidade transmissão de informações. Em suma, temos nesta atividade a concretização do imaginário e, portanto, do que denominamos Geografia da realidade e realidade geográfica.

Utilizamos o conhecimento geográfico como elemento que constitui a imagem a partir da leitura e/ou interpretação de diferentes tipos de texto porque consideramos que

“o leitor, ao ler um texto, [...] cria novas imagens” (WALT, FONSECA, CURY, 2006, p. 62).

Estas imagens, então, passam a acompanhá-lo, determinando não apenas sua compreensão, mas toda sua interpretação sobre sua própria vida. Fragmentos dos textos que consideramos nesta pesquisa nos permitem a afirmação desta condição. Para tanto, devemos considerar O HOMEM como elemento central das relações estabelecidas que caracterizam esta realidade e, por este motivo, devemos observar uma análise já realizada pela autora em estudos anteriores para prosseguirmos. Questionamos qual é a imagem de HOMEM que se constitui como elemento para a análise da realidade que propomos neste trabalho.

Como produto inicial de nossas reflexões, encontramos o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000”. Neste sentido, são necessários alguns esclarecimentos.

Primeiramente, temos como referência um homem presente na realidade expressa no mundo (espaço geográfico), que estabelece relações com o meio ambiente e com outros homens, modificando, ou seja, transformando esta mesma realidade e, por este motivo, tornando-se um elemento fundamental na análise proposta nesta pesquisa.

Ao “sertanejo euclidiano”, atribuímos a condição de homem que conhece profundamente o lugar em que vive, habita e transforma. Em linhas gerais, temos neste “tipo humano”, a manifestação de um homem que conhece profundamente o território e, por este motivo, faz desta condição sua “arma” na luta, no combate ao inimigo expresso na figura de um outro “tipo humano”, que observamos na imagem dos militares, detentores da força imposta a partir das ações guiadas pelo uso das armas de fogo.

Em contrapartida, quando tomamos como referência a figura do “sertanejo aluno do TC 2000”, encontramos um homem que busca, incansavelmente, melhores condições de sobrevivência e, para isto, representa a imagem de alguém que submete suas vontades e desejos a condições que ignoram sua realidade, conduzindo-o a caminhos que não correspondem a sua realidade. Em suma, temos nesta figura de homem um “tipo humano” que, momentaneamente, abandona seus reais desejos e vontades para viver uma vida que não lhe pertence, constituindo a imagem do sonho inatingível.

Para uma melhor compreensão, podemos retomar parte do estudo já realizado em momento anterior, no qual identificamos semelhanças quanto aos critérios de análise

e, simultaneamente, diferenças no tocante à interpretação das imagens de **HOMEM** que constituem nosso objeto de estudo:

QUADRO 01
COMPARAÇÃO ENTRE OS “TIPOS” SERTANEJOS⁴

“SERTANEJO EUCLIDIANO”	“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”
Combatente: seu inimigo é expresso pelas condições de sobrevivência impostas pela vida.	Combatente: seu inimigo é a dificuldade de melhoria nas condições de sobrevivência.
Dinâmico: sua coragem eleva sua dignidade e honra.	Dinâmico: sua coragem é reduzida diante das dificuldades econômicas que enfrenta (desemprego).
Profunda relação afetiva com seu “lugar de origem”, mantida mesmo quando forçado a abandoná-lo.	Valoriza seu “lugar de origem” mas deixa de acreditá-lo, migrando para outras regiões.
Ameaçados pela “tecnologia” das armas do exército (Estado), transformam-se em guerrilheiros.	Seduzido pela tecnologia presente nas diferentes manifestações da modernidade dos grandes centros urbanos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

Diante de tais colocações, podemos considerar como o **HOMEM**, sertanejo nas duas condições estabelecidas para análise, pode ser compreendido a partir de realidades diferentes. Tal fato concretiza a diferença de visões do mundo observadas em tais realidades e, por este motivo, nos encontramos diante do questionamento inicial: temos a partir da elaboração de tais imagens uma Geografia da realidade ou uma realidade geográfica?

Considerando como leitores não apenas os “telealunos” – como são denominados os alunos na proposta pedagógica considerada (TC 2000) – mas todos aqueles que têm acesso a leitura de quaisquer tipos de textos selecionados para esta pesquisa, observaremos que podemos confirmar o que relacionamos anteriormente neste trabalho: a leitura de um texto permite ao leitor a elaboração de imagens a todo o momento, e esta condição se torna presente na realização de qualquer leitura, de qualquer informação apresentada sob representação gráfica escrita. Em sociedades grafocêntricas como a nossa, a importância do registro escrito é inquestionável. No entanto, não podemos desconsiderar a importância que também deve ser observada quando nos encontramos diante de interpretações de registros que, não sendo expressos

⁴ In: Belo, E. M. (2005, p.56).

a partir da escrita, se constituem a partir da interpretação de imagens que constituem diversos símbolos. Interpretar o **HOMEM** a partir das informações que detectamos como características e critérios expressos no Quadro 01, por exemplo, implica, necessariamente, na interpretação da realidade, que por sua vez se encontra implícita na constituição dos conceitos que abordamos como foco central do estudo proposto. Neste sentido, compreendemos a importância da interpretação da realidade a partir da leitura, constituída, por sua vez, por diferentes imagens:

[...] a constituição literária [...] possui um grau muito maior de abertura que constitutivamente a define como plurissignificativa. [...] Se essa capacidade de se expandir em diferentes leituras é própria do literário, não lhe é exclusiva, pois toda e qualquer escrita, em maior ou menor grau, se oferece à reconstituição criativa de seus leitores. O leitor seria a instância onde as múltiplas escrituras, que formam o texto, se reúnem. [...] os textos ocupam um lugar na tradição, seja ou não literária, com a qual se estabelecem relações quando se escreve ou se lê. (WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p.73)

Nas idéias acima relacionadas, podemos considerar a importância atribuída à interpretação de um texto por todos os que se submetem à condição de leitores. Temos, nestas argumentações, a presença da compreensão da realidade a partir de conceitos próprios, que, de certa forma, poderiam até ser considerados produtos, ou seja, imagens de uma realidade construída a partir da (re) aquisição e da (re) construção do conhecimento. Neste sentido, observamos que um texto científico é o apoio para a verificação de um realidade própria a cada indivíduo, constituída a partir de observações e sensações presentes em um mundo subjetivo, mas que se concretiza a partir do momento em que nos dedicamos à compreensão do espaço em que vivemos.

Tradicionalmente, os registros escritos são mais importantes e valorizados do que o conhecimento (re)transmitido oralmente. No entanto, se tomarmos como referência tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC 2000”, verificaremos que ambos possuem uma cultura repleta, rica de elementos tradicionais e, mesmo sem apresentar a cultura do “registro escrito”, também sobrevivem em uma sociedade grafocêntrica, que fundamenta seu conhecimento na comprovação de fatos a partir do uso do método científico, rigoroso e certo.

2. Imagem e realidade: elementos de análise do conhecimento Geográfico

Observar a realidade é, sobretudo, olhar, visualizar o mundo a nossa volta.

Neste sentido, o **HOMEM** é a figura central das imagens que se constituem como fundamentação da realidade e, além disso, atua no espaço geográfico. Não nos resta dúvida quanto à importância e veracidade de tal afirmação. Porém, para compreendermos a importância tanto da Geografia da realidade como também da realidade geográfica no conhecimento das pessoas, devemos fundamentar nossa análise em alguns aspectos que nos permitem “transitar” a partir de diferentes interpretações que constituem o ato de ler como elemento que fundamenta a constituição de imagens.

Podemos, neste momento, apoiar nossas idéias em Pellegrini (1999, p.152), afirmando que “[...] o modo pelo qual o leitor recebe o texto e (re)constrói seu sentido é função de seu lugar na sociedade”.

A afirmação acima relacionada nos permite observar como a elaboração e/ou evocação de imagens a partir da leitura e/ou interpretação de textos é influenciada pelo momento histórico e também pelas diferentes visões do mundo. Tomando como referência os “tipos humanos” abordados para análise no Quadro 01, verificaremos que temos em mãos imagens de homens que participam da construção de um mundo diferente, que simboliza uma realidade própria, peculiar a cada indivíduo, a cada “**HOMEM**” considerado para análise. No entanto, se considerarmos que o “sertanejo aluno do TC 2000” é um leitor que estabelece contato a partir das informações observadas a partir de um processo de interpretação de fatos que caracterizam o conhecimento veiculado nos textos didáticos, verificaremos que “o que se tem hoje, então, é um público basicamente urbano, formado pelos estratos mais escolarizados: estudantes, professores, jornalistas, artistas, sociólogos, economistas, etc.” (PELLEGRINI, 1999, p.153).

A vivência do homem sob diferentes condições e em diferentes localidades nos possibilita compreender como a uma vasta gama de observações implica, diretamente, na pluralidade de imagens e significados expressos em suas inúmeras interpretações.

Assim, se observamos as idéias expressas por Bourdieu (2007, p.107-108, grifos do autor), verificaremos que:

[...] àqueles que vissem neste projecto de tomar para objecto os instrumentos de construção do objecto, de fazer a história social das categorias de pensamento do mundo social, uma espécie de desvio perverso da intenção científica, poder-se-ia objectar que a certeza em nome da qual eles

privilegiam o conhecimento da “realidade” em relação ao conhecimento dos instrumentos do conhecimento nunca é, indubitavelmente, tão pouco fundamentada como no caso de uma “realidade” que, sendo em primeiro lugar, *representação*, depende tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento.

Conforme o autor acima relacionado, é possível constatar como a realidade deve ser compreendida como a fundamentação do conhecimento adquirido. Seja na formalidade ou na informalidade, estamos, a todo o momento submetidos à construção de uma realidade dinâmica, que se constitui a partir do conhecimento e do reconhecimento dos fatos que a constituem.

Temos, neste sentido, tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC 2000” presentes como atores principais do processo de construção e reconstrução do mundo.

Retomando o foco de nossa pesquisa, compreendemos que:

1. A abordagem da ciência geográfica é indispensável como fundamentação dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica;
2. A realidade geográfica pode ser compreendida e/ou interpretada tanto como um produto quanto como um elemento que fundamenta a Geografia da realidade e traz consigo imagens significativas, que os textos considerados tentam traduzir (representar) quando apresentam ao leitor a descrição de fatos que caracterizam o conhecimento;
3. A Geografia da realidade pode ser compreendida como uma tentativa de estabelecimento de uma ciência capaz de determinar a realidade dos indivíduo e permite que estes mesmos indivíduos manifestem sua interpretação a partir de suas atitudes, que podem simbolizar passividade e aceitação ou então, o que Paulo Freire denominou tomada de consciência.

Para um melhor esclarecimento sobre as possibilidades de interpretação da realidade a partir dos diferentes tipos de texto, podemos considerar as seguintes informações:

QUADRO 02

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS DIFERENTES TIPOS DE TEXTO

DIDÁTICO	LITERÁRIO	CIENTÍFICO
Explicação conteudista, resumida.	Descrição mais “completa”.	Caráter justificativo, pois é a concretização do conhecimento científico.
Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).
⇒ Caráter “controlador”; ⇒ Transmite informações com o objetivo de estabelecer e manter a ordem social e sua hierarquia (status quo);	Sua estrutura é próxima da Geografia tradicional quando parte do geral para o pontual: ⇒ A Terra (descrição física); ⇒ O Homem (subjetividade); ⇒ A Luta (integração).	Estabelece com o leitor uma “troca de idéias” porque provoca reflexões/questionamentos sobre uma realidade observada, pesquisada e levada a conhecimento acadêmico para ser considerada ou não verdadeira.

Org.: Belo, E. M. (2007)

Diante das características dos diferentes tipos de texto considerados nesta pesquisa, compreendemos o homem como um produto histórico e social. Assim, sua atuação no espaço geográfico caracteriza o modo de produção presente na sociedade determinando, assim, as condições nas quais são estabelecidas as relações sociais já citadas por Corrêa (1995).

Inseridos em um mundo dinâmico, temos no espaço geográfico o elemento que pressupõe a compreensão da realidade geográfica, implícita na ação humana e que, portanto, impõe sua presença e concretização tornando esta mesma ação única e necessária ao estabelecimento das dinâmicas relações presentes no mundo.

Temos na Geografia da realidade a possibilidade de observação dos fatos que constituem a realidade geográfica e, assim, as apostilas de Geografia do TC 2000 nos fornecem elementos suficientes para a compreensão da presença do HOMEM como responsável pela sua transformação. Neste sentido, observamos os modos de produção como fator de análise para a compreensão de uma nova realidade – geográfica – e, conseqüentemente, de uma nova Geografia. Se tomarmos como referência a sistematização das aulas apresentadas nas apostilas editadas na década de 1980

observaremos a presença do HOMEM como figura central para o desenvolvimento do conteúdo:

QUADRO 03

AULAS DE GEOGRAFIA – APOSTILAS TC 2000 (década de 1980)⁵

Temática	Aulas
Caracterização, interesses e instrumentos da geografia	1 a 5
Estudos sobre a população humana	6 a 8
O conteúdo e a forma das cidades	9 a 13
As atividades da transformação dos produtos naturais	14 a 17
A circulação das pessoas, bens e informações	18 a 22
Os usos do espaço rural	23 a 27
Os recursos da natureza: seu uso e abuso pelos homens	28 a 35
As sociedades humanas e seu futuro: o papel e a utilidade social da geografia	36 a 40

De acordo com os temas observados, a ação humana é presente em toda e qualquer forma de (re)transmissão e (re)construção do conhecimento. E, então, não podemos desconsiderar que as imagens elaboradas e/ou evocadas a partir da leitura e interpretação do texto de caráter didático, além de apresentar caráter “controlador” e explicação conteudista, resumida da realidade – conforme apontamos no Quadro 02 – induzem toda e qualquer forma de compreensão e interpretação da realidade. Para tanto, novas formas de interpretação sobre os textos didáticos merece destaque:

QUADRO 04

EXEMPLOS DO TEXTO DIDÁTICO PARA A ELABORAÇÃO DE IMAGENS A PARTIR DA REALIZAÇÃO DE UMA LEITURA INTERPRETATIVA

	Apostila de Geografia – Ensino Médio	Apostila de Geografia –	Apostila de Geografia
--	--------------------------------------	-------------------------	-----------------------

⁵ Tabela transcrita de: FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; FUNDAÇÃO BRADESCO. *Geografia*, 2.º grau . O Novo Telecurso. 6.ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1988, p.01.

	– Vol. Único (1988)	Ensino Médio – vol.1 (1996)	– Ensino Médio – vol.2 (1996)
Aula	Aula 6 – A distribuição dos homens no mundo	Aula 20 – Propos Alternativas	Aula 34 – Ritmos e movimentos da população mundial
Descrição do conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aspectos físicos do espaço geográfico: condições climáticas, qualidade do solo, etc.; ▪ Evolução, distribuição da população no mundo; ▪ Distribuição da população brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento sustentável; ▪ Gestão democrática do território. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Transição demográfica

Org.: BELO, E.M. (2007)

Se observarmos as aulas indicadas como foco da análise das imagens que elaboramos e/ou evocamos quando estamos em contato com o texto didático, verificaremos que o HOMEM representa toda e qualquer possibilidade de interpretação do mundo.

Cabe à Geografia da realidade e à realidade geográfica a busca pela compreensão do mundo a partir de diferentes visões. Tais visões, então, nos permitem afirmar o homem como um leitor do mundo que, tomando consciência da sua visão do mundo, compreende como a realidade observada constitui sua vida.

As particularidades expressas conduzem, então, o HOMEM “leitor do mundo” na busca por uma nova condição de vida, na qual suas expectativas sejam atendidas. Neste processo, a interferência humana no espaço geográfico nos remete a algumas reflexões:

1. Leituras realizadas superficialmente conduzem o HOMEM à aceitação de condições que caracterizam uma vida simples, que não lhe oferece possibilidade de “crescimento”, de “superação” de suas condições de sobrevivência. Comparando com os textos considerados, podemos verificar que os didáticos (apostilas TC 2000) e o literário “Os Sertões” contribuem com esta ocorrência: os primeiros porque sintetizam as informações valorizando o que é denominado “darwinismo social” e, o segundo, porque representa a ciência geográfica em caráter positivista, tradicional. Assim, a passividade dos indivíduos não lhes permite o reconhecimento em suas experiências da complexidade do mundo.

2. Em uma leitura de um texto de caráter científico, podemos considerar que as reflexões são produto de uma articulação entre as idéias do(s) autor(es) com as idéias do leitor, fato que permite o surgimento de imagens de forma constante.

Em ambos os casos, é necessário salientar que o processo de (re)construção e (re)transmissão do conhecimento compreendem a presença de uma ideologia dominante. Correspondendo a visões do mundo próprias a uma classe social, a ideologia dominante expressa valores a serem seguidos – pelo fato de serem impostos – e determinam, conseqüentemente, formas de ação. Como anulam a compreensão da “verdadeira realidade”, consideramos esta ideologia dominante uma ideologia favorável, pois atende às expectativas observadas como critérios para manutenção do ordem social (*status quo*).

Assim, a Geografia da realidade e a realidade geográfica são elementos distintos, que se complementam para fundamentar a realidade observada e vivida.

Relacionando as características dos textos didático e literário que apontamos anteriormente com o texto de caráter científico, podemos considerar a particularidade de cada texto. Ao texto de caráter científico cabe a condição reflexiva, diferente da passividade e aceitação expressas nas linhas e entrelinhas dos textos didático e literário.

Expressa em sua subjetividade, a condição reflexiva do texto científico conduz nossos questionamentos. Na condição de leitores, verificamos que o processo de busca pelo conhecimento implica em seu processo de (re)construção. Ou seja, diante do (re)conhecer, questionamos uma realidade historicamente construída, identificada e percebida pelo homem. No entanto, na maioria das vezes não nos percebemos como agentes transformadores.

Esta condição implica na compreensão de um outro fator: homem e realidade se tornam elementos presentes tanto na elaboração quanto na interpretação das imagens que se constituem a partir da interpretação que realizamos sobre o conhecimento (re)transmitido nos textos didático, literário e científico. Portanto, podemos afirmar:

- Os três tipos de texto abordam o conhecimento, (re)transmitem informações;

- A Geografia permite a interpretação do espaço – por ela denominado geográfico – configurando uma “nova realidade”, que também pode ser compreendida a partir da presença de novas interpretações do mundo;
- As relações estabelecidas entre o homem e o espaço geográfico asseguram a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Em suma, diante de tais colocações verificamos que as imagens concretizam a existência da Geografia da realidade e da realidade geográfica, pois ambas se constituem a partir das diversas experiências dos homens e, portanto, das diferentes visões do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho não deve ser tomado como concluído, visto que o conhecimento é sempre algo que pressupõe a dinâmica realidade do mundo.

Neste sentido, tomamos como referência para análise as imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da interpretação do conhecimento obtido via texto, desconsiderando um público específico porque também nos consideramos leitores do mundo. Por este motivo, não trabalhamos com amostragem e/ou dados para tabulação. Se as imagens são subjetivas, não há sentido em estabelecer a realização de processos que permitam a quantificação.

A cada forma de interpretação das imagens identificamos uma compreensão da realidade que, por sua vez, constitui uma visão do mundo. Então, acreditamos que a dificuldade de entendimento sobre o tema proposta configura a necessidade de busca pelo conhecimento, instigando nossas ações e, assim, nos conduzindo a novas reflexões e questionamentos.

REFERÊNCIAS

BELO, E. M. **Imagem: para quê e para quem?** Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto. [s.n.] (Dissertação

de Mestrado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Telecurso 2000**, 2.º grau: Geografia. Rio de Janeiro: Globo, 1996, vol.1.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Telecurso 2000**, 2.º grau: Geografia. Rio de Janeiro: Globo, 1996, vol.2.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; FUNDAÇÃO BRADESCO. **Geografia 2.º grau**. O Novo Telecurso. 6. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1996, vol.1.

PELLEGRINI, T. **A imagem e a letra. Aspectos da ficção brasileira contemporânea**. Campinas, SP: Mercado das Letras. São Paulo: FAPESP, 1999.

WALTY, I. L. C.; FONSECA, M. N. S.; CURY, M. Z. F. **Palavra e Imagem: leituras cruzadas**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.